

LIVRO SOBRE FRITZ MULLER

Theobaldo Costa JAMUNDÁ

O livro de Moacir Werneck de Castro, *O sábio e a floresta* (Rio de Janeiro, Rocco, 1992), enriquece a bibliografia brasileira e é mais um título na de Fritz Müller. O autor é veterano em escrever livro para ser lido e de alcance do grande público. Esse, de mil e uma informações sobre o sábio alemão, foi organizado com inteligência e confere ao autor o que já é conhecido: ser bom escritor no grupo dos excelentes.

Fritz Müller, abeirado do rio Itajaí-açu, sendo habitante da Colônia de Blumenau, inscreveu-se como pesquisador de conceito internacional, colhendo o aplauso de Charles Darwin (1809-1882), sendo mais moço que este treze anos. E neste livro, novo porque deste ano, o biografado está de corpo inteiro: ligado ao Museu Nacional; professor de segundo grau em Nossa Senhora do Desterro; envolvido na política blumenauense; persistente pesquisador na mata atlântica e nos abeiramentos das baías da Ilha de Santa Catarina; bom esposo e pai de muitos filhos; enfrentador de desacertos por convivências sociais; criatura humana superior como quis ser. O discurso de Moacir Werneck de Castro centraliza Fritz Müller num telão e retocado para ser simpático. É livro obrigatório nas prateleiras da estante catarinense.

Poder-se-ia tomar posição crítica e dela cobrar do autor sobre descuidos percebíveis nas referências bibliográficas: falta de precisão e com a citação apenas entre aspas, não ligada à fonte da qual procede. Só a familiaridade com a bibliografia sobre o sábio alemão faz a conexão. E é tal imprecisão que denuncia a ausência de muitos títulos na bibliografia inserida.

Antigo é o dito e falado sobre dizer e provar. Neste raciocínio, vêm relacionados alguns senões: 1. Considerar antropólogo o conhecido Eduardo Hoerham (p. 118)¹; 2. Afirmar que o dr. Blumenau convivia mal humorado. E não avaliar percucientemente, a resultante, com raízes na

(1) Santos, Silvio Coelho dos - Índios e Brancos no sul do Brasil, 1970, p. 148

colônia fundada em 1850. Se tivesse lido o discurso de Juta Blumenau, publicado em “Blumenau em Cadernos”, nos 11 e 12, de 1991, entenderia o colonizador por outro prisma; 3. Repetir o divulgado sobre o ser o carijó Ângelo Dias dependente de cachaça (p. 36), quando não era fácil comprar esta bebida; e ter sido a invencionice localizada quando o remador, transportando o dr. Blumenau, estava nas águas da confluência do rio Benedito com o Itajaífaçu, então aprofundado e desabitado sertão bruto²; 4. Mencionar o livro *Pró-Darwin* (p. 79) sem apreciar a importância da reedição conveniada FCC/CPRM/DNPM, com tradução do inglês pelo dr. Hitoshi Nomura, que o apresenta e o dedica à memória de José Ferreira da Silva (1897-1973); 5. Afirmar (p. 76) que “Der Deutscher”, o jornal alemão de Tobias Barreto (1839-1889) foi publicado em Sergipe, quando teve sua redação da cidade pernambucana de Escada³; 6. Entender que Fritz Müller era germanófilo sem ser racista; entretanto, diz também que o mesmo viveu ativado em conflitos com o processo de aculturação, principalmente, preocupado que as filhas “se tornassem brasileiras na linhagem e nas maneiras” (pp. 64, 69, 70 e 71); 7. Admitir ser o apelido “barriga verde” ligado à Campanha da Cisplatina (p. 31) quando historiadores catarinenses atribuem estar no catarinense partícipe como soldado nas campanhas do Sul, sob o comando de Gomes Freire de Andrada, nos anos de 1754 a 1756. E a Guerra Cisplatina só ocorreu no período de 1825 a 1828.⁴

Estamos alinhados com Moacir Werneck de Castro quanto a um reconhecimento e uma gratidão à memória do sábio alemão Fritz Müller. E que o motivo mais forte para escrever o livro fecundou dois enriquecimentos em duas bibliografias: a do autor e a do biografado. Portanto, os senões relacionados não invalidam o livro como meio para informar quem foi Fritz Müller, onde, como e quando viveu livre para ser quem foi sem depender doutros.

E diz-nos a dedução que o germanófilo visceral Fritz Müller foi genearca fecundo de família brasileira. E porque “Deus escreve direito por linhas tortas”, a memória do doutor imigrante ateu ficou no infinito internacional da comunidade dos naturalistas. E nesta, a distinção é pelo saber.

(2) Silva, José Ferreira da - Blumenau: notícia estatístico-descritiva, 1939.

(3) Jamundá, T. C. - Theagá, pp. 131 a 137; e ainda Vamireh Chacon no livro *Da Escola do Recife ao Código Civil*, no qual são transcritas peças da correspondência de Fritz Müller e Carl von Koseritz com Tobias Barreto, e também comentário sobre aquele jornal alemão que, em Escada, só Tobias Barreto lia (pp. 215 e 223).

(4) Jamundá, T. C. - O Barriga verde, 1989